

**1**-Escrevi este breve livro sobre a Venezuela entre os meses de agosto e setembro de 2025. Estava a concluir a sua redação quando os EUA começaram o seu destacamento aeronaval para as Caraíbas e para a costa venezuelana. Olhando retrospectivamente, parece que se passaram muitos anos e não alguns meses apenas sobre estas linhas.

Desde aí, houve a intervenção militar para prender o Presidente Nicolás Maduro e a sua mulher, a deputada Cilia Flores. Houve a queda, já no tribunal norte-americano, da espantosa acusação de narcotráfico contra o presidente venezuelano e o reconhecimento da inexistência do chamado Cartel de los Soles. E houve, de grande importância, a frase de Donald Trump na conferência de imprensa sobre a operação em Caracas: “Vamos fazer muito dinheiro com a Venezuela”.

A enorme transcendência desta frase reside em que ela condena à sua condição de falsidades, todas as outras que tínhamos ouvido até ali sobre a ofensiva contra a revolução venezuelana, tratada como uma intervenção em nome da democracia, da liberdade e dos direitos humanos. Com essa frase de Trump inaugura-se uma nova era comunicacional no mundo a que penso possa chamar-se a época não da pós-verdade, mas sim da pós-mentira.

O desconforto dos noticiários e comentários mediáticos perante a nova situação foi e continua a ser visível. A justificativa que apresentam para ela tem um nome: Trump. O império “americano” no sentido de estado-unidense da expressão, passa a ser o império da “América de Trump”. Com a ideia de que, terminada a presidência Trump, o sol das nobres intenções liberais brilhará de novo nos céus imperiais e todos poderemos voltar às velhas versões das liberdades e da democracia de exportação.

Porém, também aqui, a violenta história da intervenção dos Estados Unidos na América Latina, é desmentida, entre outros incontáveis episódios, pelo caso venezuelano. Não foi Trump, mas sim Obama quem declarou em 2014, que a Venezuela representava um perigo para a segurança nacional dos EUA, dando assim o tiro de partida para a guerra económica generalizada que nunca deixou de se agudizar.

Não foi Trump, mas sim Biden quem conservou Cuba na lista norte-americana dos países patrocinadores do terrorismo, retirando-a cinicamente dessa lista no último dia da sua presidência, para que Trump, imediatamente, no dia seguinte, voltasse a incluí-la nessa infame enumeração produzida pelo país terrorista por antonomásia, os Estados Unidos da América.

2- Escrevi este, insisto, curto e despretensioso texto sobre a revolução venezuelana, chamando-lhe uma crónica das muitas possíveis, uma hipótese narrativa e analítica, na sequência da confirmação, que pude testemunhar, da inviolabilidade do processo eleitoral venezuelano, conforme explico no livro. Poucas semanas depois da sua ida para a tipografia, assisti a María Corina Machado explicar numa entrevista à CNN internacional como -aspas- “ganhara”, as eleições presidenciais de julho de 2024, com Edmundo González Urrutia, um homem que muito teria para contar sobre o seu apoio aos grupos paramilitares que em El Salvador perpetraram na década de 1980 o terror generalizado naquele país, com o assassinato, nomeadamente, do arcebispo Monsenhor Romero. Na altura, Edmundo González desempenhava funções executivas na embaixada venezuelana em El Salvador, de onde partia apoio logístico e cobertura para os paramilitares da ditadura local. Explicava então Corina, à CNN internacional em Outubro passado e cito *ipsis verbis*: “retirámos os boletins das secções de voto, levámo-los para sítios secretos e digitalizámo-los”. Ou seja, roubámos os votos, contámo-los clandestinamente sem qualquer testemunho independente e dissemos ao mundo que esperava ouvir-nos, que tínhamos ganhado, conta a celebrada “opositora democrática” entre aspás venezuelana, sem se dar conta de que a mentira que estava a dizer ou então para ocultar uma segunda mentira, esta bem mais verosímil a que comprometia os EUA e a União Europeia na interferência no sistema informático das eleições e no dispositivo energético do país.

Disto se tem feito o cerco contra a revolução venezuelana, a última revolução socialista do século XX e simultaneamente a primeira do século XXI. Procurei, no livro, dar uma ideia do significado para o povo venezuelano em termos de privação e sofrimento da guerra económica que lhe foi movida pelo império. Uma história conhecida até aos limites do horror pelo povo cubano e pela sua revolução, há quase setenta anos.

A morte nos hospitais, a fome nas casas, a paralisação dos transportes, as escolas encerradas, o alastramento das doenças, a malnutrição das crianças, o falecimento dos idosos e doentes, as grávidas sem assistência a impossibilidade de usar telecomunicações. E, para lá de tudo isso, superando todos estes crimes de lesa-humanidade, a grandeza moral e a consciência indómita dos revolucionários venezuelanos ou cubanos, dos seus processos políticos e dos seus povos.

Ambos, cubanos e venezuelanos são povos que testemunham como nunca, ao longo de todo o século XX, qualquer revolução anticapitalista pôde desenvolver-se sem a agressão armada ou o cerco e estrangulamento económico do imperialismo. A começar na revolução russa de 1917 e a culminar na tentativa de estrangulamento de Cuba que temos com uma eloquência e crueldade inauditas diante dos nossos olhos neste momento.

Cabe perguntar, como o fez numa obra de 1967, o historiador norte-americano Denna Frank Fleming, a propósito da intervenção militar contra a revolução russa, o que teria sido a URSS, sem esse cerco imperial? Cabe perguntar, dizia, o que teriam sido as revoluções cubana ou venezuelana sem a administração criminosa da guerra económica que, para citar o filósofo francês Michel Foucault, seguiu sempre os modelos arcaicos de cerco da peste e de ostracização da lepra, na guerra movidos contra os seus povos?

Essa é a razão principal pela qual Cuba, como a Venezuela representam um perigo não para os Estados Unidos e a sua segurança interna, mas para o império e a sua mentira externa. Nunca o capitalismo, esse modelo desumano e falhado de condução política dos povos e das nações, poderia superar o êxito dos modelos que com ele competiam na instauração do socialismo. Daí o cerco, daí a guerra, daí a propaganda contra a qual, com este breve escrito, procurei contribuir a propósito da revolução bolivariana da Venezuela.

Como escrevo, não há sistemas políticos perfeitos. E as sociedades são corpos complexos, difíceis de ordenar e regular. No caso concreto da revolução, o seu objetivo transformador aumenta a complexidade da tarefa. Todos os dirigentes revolucionários enfrentam o problema clássico do poder na revolução. Como defendê-la sem cair nas práticas contra as quais a revolução, ela própria, foi feita?

A Venezuela, como Cuba, como a URSS no seu tempo deram-nos exemplos positivos e negativos de possibilidades de resposta a esta enorme questão. A política como arte do aparentemente possível e, especificamente, a revolução como arte do aparentemente impossível, colocam-se no quotidiano dos povos e dos seus dirigentes, não na perspetiva de uma história que se escreve mais à frente sobre o passado, mas na perspetiva de quem faz essa história sem conhecer aonde levará no futuro. Essa é, sem necessidade de romantismo, a experiência sempre genesíaca de qualquer revolução. Foi um mínimo fragmento destas questões que procurei alinhar neste olhar cronístico -que não jornalístico- sobre os dias que pude viver na terra de Simón Bolívar, a qual prossegue hoje a sua marcha, com as novas condições que a criatividade revolucionária do seu povo terá de saber identificar e superar.

O que penso poder afirmar do que leio hoje da Venezuela, é a tensa relação entre o que por lá se chama o pragmatismo relativo de Hugo Chávez, que não se deve confundir com o pragmatismo total e oportunista, que politiza a vida pela sua aparente despolitização. E o dogmatismo dos ideólogos de laboratório, para quem a prática revolucionária tem de ser mensurada num tubo de ensaio para aferir do seu grau de pureza.

Neste momento da história geral em que, diante da lenta e violenta agonia do capitalismo, tanto depende de grandes nações como a Rússia ou a China, o mundo olha, expectante, para o movimento da multipolaridade como a fresta pela qual alcançará um futuro mais justo e equilibrado ou perecerá, arrastando consigo a obra e a própria espécie humana.

Agradeço a presença de todos, nesta tarde na Casa do Alentejo. Agradeço em especial aos representantes do corpo diplomático aqui presentes, com destaque para a senhora embaixadora da República Bolivariana da Venezuela, Mary Flores e seus demais companheiros, bem como aos representantes diplomáticos cubanos, acreditados no nosso país.

Agradeço as intervenções daqueles que aceitaram estar aqui, ao meu lado, neste dia, o major-general, Jorge Aires e a Associação Conquistas da Revolução, Isabel Camarinha, presidente da direção do Conselho Português para a Paz e a Cooperação, a cujo órgão coletivo de presidência pertenço, com muita honra.

Agradeço ao meu editor, Rui Vaz Pinto e à UNICEPE, esse poro de respiração culta na cidade do Porto. Agradeço a moderação desta sessão ao meu companheiro de emissões na televisão digital Tribuna Multipolar. E, sobretudo, permitam-me deixar a minha pessoal e mais profunda gratidão aos povos revolucionários, especialmente ao povo venezuelano e cubano. Que saibam ambos e todos eles a inspiração que representam para cada um de nós e para a humanidade inteira. Obrigado.